

## **A MORTE E A DECADENCIA HUMANA PRESENTES NA *CONTÍSTICA QUIROGUIANA*.**

Willson Cavalcante Costa Junior

[wilsonjuniorccom@gmail.com](mailto:wilsonjuniorccom@gmail.com)

PPGEL-UFPI

Margareth Torres de Alencar Costa

UESPI

### **Introdução**

Muitas obras literárias abordam o trauma como tema e apresentam fortemente a questão da memória como algo recorrente, e como consequência do trauma e da violência os personagens envolvidos nestas narrativas desenvolvem diversos comportamentos resultantes dos sofrimentos e violências, como por exemplo, síndrome do pânico, depressão, loucura, e todo tipo de decadência humana que os levam à insanidade ou a cometer atitudes extremas contra sua própria vida, que é o suicídio e se não tiram sua vida tiram a vida dos outros. Diante disso, a investigação dos elementos do trauma e da memória é necessária para elucidar a problemática em torno da relação entre as obras que aqui se propõem analisar.

Um dos principais representantes do modernismo hispano americano foi o uruguaio Horácio Quiroga que é considerado pela crítica como um dos principais representantes não somente da prosa modernista na América Hispânica como também um dos grandes representantes do gênero fantástico do século XIX. A tragédia e a morte são uma constante na vida e na obra de Horácio Quiroga e muitos de seus contos tem a presença de biografemas que caracterizam a influência da vida do autor em sua obra. A prosa escrita por Quiroga mostra que o trauma e as circunstâncias da vida levam os personagens a desenvolver patologias que os levam ou a cometer assassinatos ou morrem de consequências misteriosas.

Horácio Silvestre Quiroga Corteza é natural de Salto- Uruguay. Nasceu no dia 31 de dezembro. Não conheceu seu pai, Prudêncio Quiroga que morreu após disparar acidentalmente sua escopeta ao descer de um barco. Doze anos depois sua mãe casa-se outra vez com Ascensio Barcos, mas após cinco anos se suicida. Durante o ano de 1901 Quiroga perdeu dois de seus irmãos: Pastora y Juan Prudêncio, vítimas de uma epidemia de febre tifo. Em 1902 ao ajudar seu melhor amigo a usar uma arma de fogo acidentalmente o matou. Casou-se com Ana María Cires (uma de suas alunas da Escola Normal, quinze anos mais nova

que ele) e em 1911 nasceu Eglé e em 1912 nasceu seu segundo filho, Darío. No entanto, o relacionamento foi sofrendo muitas crises até que, por motivo desconhecido, sua esposa se suicida. Em 1927 Quiroga se casa com uma amiga de sua filha Eglé, chamada María Elena Bravo, de 20 anos, esta era vinte e nove anos mais nova que ele. Desse matrimônio nasceu María Elena, a quem apelidaram depois de Pitoca. Algum tempo depois sua mulher o abandona. Quiroga também acaba por suicidar-se ao descobrir que estava com câncer.

Como podemos perceber, a vida de Horácio Quiroga foi carregada de infortúnios e morte. Esta realidade ele leva para seus contos. A decadência dos personagens acaba por levá-los a desenvolver patologias que os leva a si e aos seus familiares à decadência que culmina com a morte deles ou de algum membro de sua família.

Esse estudo, enquanto relevância acadêmica e social ampliará o escopo crítico acerca da narrativa sobre o tema, cujo objetivo é analisar, de forma comparativa, a representação do trauma, da violência e morte nos contos: *A galinha degolada*, *O travesseiro de plumas* y *O solitário*. Para alcançar nosso objetivo nos apoiamos nos estudos efetivados por: Durkheim(1988); Izquierdo(2002) Cândido( 2006); Freud( 2009); Benjamim(2012) entre outros estudos que foram necessários.

Situemos agora nossos leitores sobre o enredo de cada um dos contos: *A galinha degolada* narra a história de um casal jovem, Berta e Mazinni que depois de casados tiveram um lindo filho, mas depois de um ano e oito meses o bebê adoeceu, teve convulsões decorrentes da doença e ficou completamente idiota. O mesmo aconteceu com o segundo filho e com os gêmeos que vieram ocorreu o mesmo. Está situação fez com que o relacionamento dos dois sofresse pesados reveses, o casal começou a brigar muito e a mãe não suportava ver que de seu ventre só saísse filhos que estavam condenados a se tornarem idiotas após dezoito meses de vida. O médico que foi consultado explicou ao marido que esta doença congênita era devido aos excessos do avô paterno com mulheres da vida e quanto à mãe, esta era tuberculosa. Por fim nasceu uma filha sadia, Bertita, depois disso os pais se voltam somente para a menina e esquecem os quatro filhos especiais e os abandonam nas mãos de uma empregada doméstica que era a responsável por banhá-los, vesti-los e alimentá-los e os tratava com visível brutalidade e a mãe não se importava e somente se referia aos filhos como monstros, bestas, quanto aos meninos vivam o tempo todo sozinhos e como era de se esperar, a decadência humana os alcançou porque según Quiroga (1995,p.53) “la sirvienta los vestía, les daba de comer, los acostaba, cons visible brutalidade. No los lavaban casi nunca. Pasaban casi todo el día sentados frente al cerco, abandonados de toda remota carícia.” Desta situação deprimente era de se esperar que algum dia viesse a ocorrer alguma tragédia.

O travesseiro de plumas trata da lua de mel de Alicia e Jordán, um jovem casal que de acordo com Quiroga (1995,p.61) já iniciam seu matrimonio de forma diferente: “ su luna de miel fue um largo escalofrio.Rubia, angelical y tímida,el carácter duro de su marido heló sus soñadas niñerías de novia”, porque ele estava sempre calado e não demonstrava nenhuma afeição por Alicia, que foi ficando muito triste e um dia apareceu com uma gripe que não curava nunca. “ No es raro que adelgazara. Tuvo um ligero ataque de influenza que se arrastró insidiosamente dias y dias”(idem,p.61) a Nenhum médico conseguia descobrir que doença misteriosa estava acabando com a saúde de Alicia. Depois de algum tempo ela nem mesmo permitia que lhe trocassem os travesseiros nem mesmo as fronhas. Como resultado morreu um dia totalmente anémica. Quando a empregada foi trocar os travesseiros, depois do sepultamento de Alícia, descobriram que dentro do travesseiro tinha um antropeide que havia sugado o sangue de Alicia e levando-a a morte.

Las plumas superiores volaron, y la sirvienta dio un grito de horror con toda la boca abierta, llevándose las manos crispadas a los bandós. Sobre el fondo, entre las plumas, moviendo lentamente las patas velludas, había un animal monstruoso, una bola viviente y viscosa. Estaba tan hinchado que apenas se le pronunciaba la boca”. (QUIROGA, 1995,p. 64)

O conto *o Solitário*, trata da história de Maria, uma moça muito bonita e jovem que tinha a esperança de casar com um homem muito rico que a levasse para longe do bairro onde morava, o tempo passava e ela para não ficar para titia, aceitou casar-se com um joalheiro trabalhador, mas simples, chamado Kassim. Vejamos como o narrador descreve Kassim:

Kassim era um hombre enfermizo, joyero de profesión, bien que no tuviera tienda establecida. Trabajaba para las grandes casas, siendo su especialidade el montaje de piedras preciosas. Pocas manos como las suyas para los engarces delicados.[...]Kassim, de cuerpo mezquino, rostro exangüe sombreado por rala barba negra, tenía una mujer hermosa y fuertemente apasionada. La joven de origen callejero, había aspirado con su hermosura a un más alto enlace. Esperó hasta los veinte años, provocando a los hombres, y a sus vecinas con su cuerpo. Temerosa al fin, aceptó nerviosamente a Kassim. ((QUIROGA, 1995,p36)

Ocorre que Maria sempre exigia dele, roupas novas, joias e um padrão de vida para o qual eles não estavam preparados, o que obrigou Kassim a trabalhar todos os turnos e até mesmo nos finais de semana para atender os caprichos de Maria:

[...] mientras el joyero trabajaba doblado sobre sus pinzas, ella, de codos, sostenía sobre su marido una lenta y pesada mirada, para arrancarse luego bruscamente y seguir con la vista tras los vidrios al transeúnte de posición que podía haber sido su marido ( QUIROGA, 1995,p.36)

Kassim recebia encomendas de joias finas, mas ficava exasperado com o comportamento de Maria que pegava as joias alheias e saia com as mesmas, até que um dia ele estava trabalhando em um anel de diamantes conhecido como solitário lindíssimo e caríssimo,

e Maria enlouquecia Kassim para que a joia fosse sua. Uma noite Kassim afilou a ponta do diamante e quando Maria dormia ele a mata com o solitário enfiando a ponta diretamente em seu coração.

### **Marco Teórico**

De que forma o trauma está ligado à narrativa de trauma sofrido pelas personagens das referidas obras? Que tipo de violências sofrem as personagens dos textos, objeto de análise deste trabalho? Assim, essa análise comparativa entre as obras contribuirá para relacionar a memória, o trauma e a história com os esquecimentos presentes nas narrativas, já que a história, segundo Benjamin (2012), não tem sido contada, predominantemente, por parte dos vencidos, mas sim dos vencedores. Logo, é importante esclarecer que inúmeras são as narrativas nas quais se podem constatar a insistência das vozes em expor como o trauma desempenhou e desempenha um papel preponderante nos sentimentos dos oprimidos.

O trauma se manifesta nos contos na medida em que um dos personagens destrói o outro como é o caso de Kassim, um marido desesperado com os desejos de luxo da esposa “ [...] Hago sin embargo cuanto puedo por tí. [...] No eres feliz conmigo, María- expresaba al rato. - ¡ Feliz! ¡ Y tienes valor de decirlo! ¿Quién puede ser feliz contigo? ! No la última de las mujeres! ¡ Pobre diablo! (QUIROGA,1995,p.27). Kassim, não falava nada, sofria calado e redobrava em trabalhos, ficava sem dormir e sem folgas, mas Maria nunca estava satisfeita.

Em a Galinha degolada, são os cônjuges que se sentem acuados e desesperados por conta do filho que era saudável e que havia se tornado idiota. O desespero dos pais ao ver que não podiam voltar a ver o filho saudável.

Con el alma destrozada de remordimiento, Mazzini redobló el amor a su hijo, el pequeno idiota que pagaba los excesos del abuelo. Tuvo asimismo que consolar, sostener sin trégu a Berta, herida em lo más profundo por auel fracaso de su joven maternidad.. (QUIROGA,1995,p.50)

Do ponto de vista de estudos psicológicos acerca da memória, a contribuição de Izquierdo (2002, p. 8) esclarece que ela é a “aquisição, a formação, a conservação e a evocação de informações.” Partindo desta premissa, de que a memória pode inserir e diminuir traços importantes dos fatos, os conceitos a respeito da memória e trauma conduzem à problemática de localizar como o trauma está presente na literatura de Horácio Quiroga, para que o esquecimento não prevaleça sobre a obra deste ilustre escritor. Cândido (2006, p. 20) afirma que a literatura “como fenômeno de civilização, depende, para se constituir e caracterizar, do entrelaçamento de vários fatores sociais.” No caso dos contos de Horácio Quiroga, a análise recai sobre as falhas humanas, nos três contos dos quais nos ocupamos visualizamos o

desamor de Berta pelos filhos, a total falta de compaixão pelos filhos doentes. Em o Solitário a cobiça de María, sua total falta de amor, respeito e compaixão pelo marido Kassim ao ponto de adoecê-lo do corpo e da mente. Em Alícia, uma mulher submissa e sem auto estima, um marido machista e severo que lhe suga toda alegria de viver. Émile Durkheim, um dos teóricos que serviu de base teórica para este estudo, conceitua o atentado contra a própria vida: “Chama-se suicídio todo caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato positivo ou negativo, realizado pela própria vítima e que ela sabia que produziria esse resultado” (DURKHEIM, 1988, p. 14).

No caso dos personagens dos três contos a morte está presente através de assassinatos e um suicídio voluntário como é o caso de Alícia, cuja depressão a fazia não querer lutar por sua vida, quando estava sendo sugada pelo antropoide. Neste caso, pode-se pensar em um caso de vampirismo psicológico, uma vez que Jordán é comparado ao antropoide que Alícia via em suas alucinações. “¡ Jordán, Jordán! Clamó, rígida de espanto, sin dejar de mirar la alfombra. – Soy Yo Alicia, soy yo. Alicia lo miró con extravio, miró la alfombra, volvió a mirarlo y después de largo rato de estupefacta confrontación, se serenó.”( Quiroga, 1995,p.63)

Recorreu-se também aos estudos de Ricoeur (2007) para elucidar a definição do termo memória e suas nuances. Ele chama a atenção para o fato de a memória e a história estarem juntas, ainda que de modo conflitivo. A memória dos fatos interessa para a compreensão, reflexão e releitura da História. Ricoeur (2007, p. 101) compreende que “o dever da memória é o dever de fazer justiça, pela lembrança, a um outro que não o si [...] O dever de memória não se limita a guardar o rastro material, escrito ou outro, dos fatos acabados, mas entretém o sentimento de dever a outros.” Ou seja, tendo a memória o dever de rememorar circunstâncias individuais e coletivas perante as vítimas, as memórias coletivas se debatem por justiça. A ficção escrita por Horácio Quiroga dá conta desta questão ao pôr na boca do personagem narrador de sua obra ficcional, a recordação de toda sua vida, na tentativa de analisar o que levou sua primeira esposa a cometer suicídio. Além disso, pretende-se refletir sobre o suicídio, loucura e todo tipo de decadência humana nas obras ficcionais escritas por Horácio Quiroga. Como é possível comprovar Kassim enlouquece no conto *O solitário*: “No había mucha luz. El rostro de Kassim adquirió de pronto una dureza de piedra y suspendiendo un instante la joya a flor del seno desnudo, hundió firme y perpendicular como un clavo el alfiler entero en el corazón de su mujer” ( QUIROGA, 1995,p41)

A contribuição de Seligmann-Silva (2003, p. 49) sobre como a memória do trauma converte-se em narrativa, relatada pelos personagens ou narradores dos contos de Quiroga, comprovando que a narrativa é, também, o meio por onde o escritor busca o “compromisso

entre o trabalho de memória individual e outro construído pela sociedade”. A narrativa estaria, dessa maneira, colaborando na construção da memória coletiva, seja global ou grupal, da qual fala Halbwachs (2006). Para ele, a memória coletiva tem como função essencial fazer com que as pessoas expressem a sensação de pertencimento a um grupo, segmento, instituição. Ela garante um sentimento de identidade ao indivíduo calcado não só no campo histórico, mas também das representações e símbolos. No caso da contística Quiroguiana, toda sua vida de trauma e violência está estampada em seus contos. Analisando suas personagens femininas, nos damos conta que não são descritas como mulheres bondosas, boas mães nem mesmo boas esposas, refletindo talvez, os casamentos fracassados do escritor.

Em suma, a tendência ao suicídio na sociedade é coletivamente afligida. Não nos é possível dizer atualmente em que consiste essa tendência, se ela é um estado *sui generis* da alma coletiva, com realidade própria, ou se representa apenas uma soma de estados individuais. Embora as considerações precedentes sejam dificilmente conciliáveis com esta última hipótese, reservamos o problema, que será tratado ao longo desta obra. Seja o que for que se pense a esse respeito, o fato é que essa tendência existe, por uma razão ou por outra. Cada sociedade se predispõe a fornecer um contingente determinado de mortes voluntárias. (DURKHEIM, 1988, p. 24). A apropriação desses conceitos é demasiadamente importante para possibilitar a compreensão do caráter deste estudo. Em virtude disso, ela visa confrontar os diferentes conceitos dos autores e buscar um consenso na definição do termo “memória coletiva” e suas características presentes nas narrativas que serão analisadas. No caso da contística Quiroguiana, em relação aos contos analisados, vemos personagens que se deixam matar as almas e seus espíritos por outros que os tratam com brutalidade, descaso, os subestimam de todas as formas possíveis. Berta era má para com seus filhos e marido. Alícia era fraca, Kassim calado, ambos sofriam sem deixar expressar sua dor, sua tristeza. Mas no interior dos oprimidos ia crescendo, em silêncio, o mal da loucura, da melancolia, das patologias que iriam desencadear as tragédias anunciadas.

Walter Benjamin (2012), por exemplo, defende que a própria literatura reflete um olhar trágico dos acontecimentos da História e que ambas dialogam entre si, numa espécie de paralelo. A figura do “anjo da história”, proposta por ele como um anjo que observa aterrorizado o acúmulo de catástrofes, ruínas e é levado pelo progresso destruidor, é a própria humanidade. Essa alegoria permite observar como o relato de Levi da obra *É isto um homem?* é um olhar aterrorizado de vítima da história. Ao inserir trauma e memória nas narrativas, a literatura aborda explicitamente a relação entre literatura e realidade, em que o autor serve-se também das experiências pessoais para criar a obra de arte, no caso, a obra

literária. Nos contos que ora analisamos os personagens sofrem os traumas da morte da alma, os descasos, maus tratos, que os levam á decadência humana em toda sua extensão. No caso de Kassim, ele enlouquece. Os filhos de Berta e Mazzini já não reagem como seres humanos, mas como sua mãe tanto os chamou de bestas, é assim que reagem ao arrastar sua irmã á cozinha e degola-la como viram a doméstica fazer com a galinha. Alicia, se deixa levar pela melancolia e morre.

O silêncio é um elemento característico, não só por ser oposto à memória, mas, sobretudo faz parte do complexo processo da construção da memória. Para Seligmann-Silva (2003, p. 53), a memória, assim como a língua, com seus atos falhos e silêncios, não existe sem a resistência. É nessa tensão, entre memória e esquecimento, que a narrativa se constrói: “A memória só existe ao lado do esquecimento: pois um complementa e alimenta o outro, um é o fundo sobre o qual o outro se inscreve”. Portanto, os silêncios e os esquecimentos, provenientes do trauma, são ícones relevantes de manipulação da memória coletiva. A respeito dessa conexão entre experiências pessoais e coletivas, Cândido (2006, p. 57), ao discorrer sobre a criação literária, afirma que ela não pode “ser desligada do contexto, — isto é, da pessoa que as interpreta, do ato de interpretar e, sobretudo, da situação de vida e de convivência”. Seguindo esse mesmo pressuposto, Halbwachs (2006) também afirma que o sujeito é um instrumento das memórias do grupo, mesmo quando está rememorando sozinho.

É o que acontece com a contista Quiroguiana, o autor recorda seus tramas, suas dores e tenta se exorcizar das mesmas pondo os biografemas de sua vida na sua obra literária. Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco certa quantidade de pessoas que não se confundem. Dessa forma, para que a lembrança seja reconhecida e reconstruída pelos sujeitos sociais, ele precisa de marcas de proximidade com o grupo a qual pertence. Não se identificando com o coletivo, não ocorreria o processo de rememoração. Ou seja, o indivíduo é uma configuração múltipla, engendrada na intersecção entre diversas forças sociais.

O estudo da dor, do trauma e da decadência nos contos é importante porque apresenta diversas partes da obra em que personagens rememoram as experiências traumáticas vividas individuais na voz do narrador onisciente. Estas lembranças presentes na obra revelam personagens angustiados com a situação desumana a qual são submetidos e podem

caracterizar as lembranças do convívio familiar, que o leitor toma conhecimento através do narrador.

Corroboramos Habwachs (2006, p. 16), quando ele nos esclarece que: “Certamente, se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior [...]”.

A morte se apresenta de forma inexplicável no caso de Alícia, que já havia passado pela morte psicológica por conta de Jordán: “ En esse extraño nido de amor, Alícia pasó todo el otoño. No obstante había concluído por echar um velo sobre sus antiguos sueños” (Quiroga, 1995, p. 61) Berta havia experimentado a dor de ver seus filhos se tornarem incapacitados e não se conformava com sua descendência incapacitada, por isso mata o amor de mãe pelos filhos. Quanto a Kassin, perde a saúde física e mental por conta da cobiça de María a ponto de assassiná-la. Desta forma todos os personagens principais dos contos ficam decadentes e perdem os escrúpulos humanos, cometem atrocidades inimaginadas o que configura os três contos de Quiroga como contos de terror.

No caso do conto a galinha degolada, o nascimento da menina sadia, Bertita quebra a harmonia que existia na casa, antes dela, os pais ainda se ocupavam dos meninos, lhes davam atenção e cuidados. Desta forma, assim como a galinha, a menina representa uma ave comum, fadada ao sacrifício assim como a galinha ela foi degolada pelos irmãos incapazes de sentir o menor sentimento pela irmã. Não lhes haviam ensinado a amá-la.

Em o travesseiro de plumas, Alícia estava decadente, com profunda depressão, não queria mais viver e o antropoide no travesseiro suga seu sangue, levando-a á morte física porque a morte da alma havia sido efetivada por Jordán.

Em o solitário, a cobiça desmedida de María por luxo, joias e roupas finas tira a saúde física e mental de Kassin, ela mata sua alma e adocece seu corpo e sua mente, levando-o a loucura que a mata.

## REFERENCIAS

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, vol. I. 8. São Paulo: Brasiliense, 2012.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

DURKHEIM. Rodrigues, José Albertino (Organizador) Fernandes, Florestan (Coordenador). *Sociologia*. São Paulo, ED. Atica, 1988.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2006.

IZQUIERDO, Iván. *O que é a memória*. In. IZQUIERDO, Iván. Porto Alegre: Artmed, 2002.

QUIROGA, Horácio. *Cuentos de amor, de locura y de muerte*. Barcelona, Edicomunicaión S.A. 1995.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Marcio. *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.